

## RESENHA-RELEASE DE HUGO SUKMAN PARA O CD "UM MALANDRO EM PARIS" DE MICHEL TASKY

Como quase todo bom cantor francês, Michel Tasky não é francês. Está na companhia do armênio Charles Aznavour, do italiano Yves Montand, do egípcio de origem grega Georges Moustaki ou de Henri Salvador, que afinal nasceu na nossa vizinha, ainda que francesa, Guiana. Michel é belga, como Jacques Brel. Neste sentido, ele é tão falso francês como qualquer compositor malandro que tascasse (sem trocadilho) num samba um "pra cima de moá", um "vamos lá no meu chatô", um "deixa de chiquê", tudo legítima gíria carioca. Com a vantagem de ser legitimamente bilingue, malandro nas duas bossas.

Na verdade, samba "francês" é quase um gênero em si, existe desde que existe samba e é praticado por nossos maiores cantores e compositores. Em "Um malandro em Paris", Michel prova isso e vai achar no repertório da nossa primeira grande cantora, Araci Cortes, um "Tem francesa no morro", obra-prima seminal de Assis Valente na qual, já em 1932 resume tal relação em um verso louco nas duas línguas e em nenhuma: "Si vous fréquentez macumbe entrez na virada e fini pour sambá". Mostra que os gênios da música brasileira também se dedicam a tal gênero: Nei Lopes com seu samba de breque "A neta da madame Roquefort" dá uma aula do palavreado francês imiscuído na fala carioca ("sua garçonnière tem bufê, étagère e um lindo sumier/Só tem filé mignon, maionese, champignon, champanha e vinho rosé/Do bom Chateau Duvalier, que é o que tem melhor buquê..."); enquanto Chico Buarque, sobre melodia igualmente bilingue de Francis Hime, acha em "Canção de Pedra" (feita para a peça "O rei de Ramos", de Dias Gomes, e imerecidamente desconhecida) rimas raras nas duas línguas, bem ao seu feitio ("Cascadura é Rive Gauche/O Mangue é o Champs-Élysées/Até mesmo um bate-coxa/Faz lembrar um pas-de-deux/Purê de batata roxa/Parece marrom glacé").

Em sua inestimável pesquisa, Michel reabilita uma dupla especialista no assunto, Denis Brean e Blota Jr. que forneceu às irmãs Batista, Dircinha ("La vie en samba") e Linda ("Um malandro em Paris") dois deliciosos sambas franceses. E redescobre, nesta linha, o maior sucesso autoral da cantora Marília Batista, grande intérprete de Noel, o surpreendente "garota fricote", que quando fica gripada "em vez de atchim, ela faz atchém e diz que o au-au é le chien".

Mas além do repertório que vai fundo e foge do óbvio, a grande malandragem de Michel é provar que essa onda continua. Seja num samba contemporâneo que não fica nada a dever, "Partiu", de Mauricio Carrilho e do muito jovem Vidal Assis (de versos no entanto de malandro antigo, "A moça riu-se em francês/Pra frustração de moi") ou no seu próprio surpreendente trabalho autoral, uma ponte inédita na história do samba entre Rio, Paris e sua Bruxelas natal, como na bilingue "Rio, Eu te amo" ou no verdadeiro achado que é o "Jongo da liberdade", a associação do 13 de maio, a data nacional brasileira a libertação dos escravos com o 14 de julho, a data nacional francesa de celebração da liberdade.

Falso francês mas artista de verdade, da música francesa Michel foi malandro e pegou a leveza e o humor. Do samba, a bossa, o lirismo e a inteligência. Da música carioca contemporânea, a qualidade dos arranjos (um arranjador para cada música, verdadeira seleção brasileira). Sai um disco que, não sei não, em outros tempos dava até Prêmio Molière. Ou pelo menos a vontade de flunar por aí, por Rio, Paris e, vá lá, Bruxelas, assobiando uma nova melodia.